



## REPENSAR A IGREJA EM PORTUGAL

Contributo da Província Lisboa do  
Movimento das Equipas de Nossa Senhora

Vivemos um tempo de confusão, um tempo a que muitos chamam mesmo de apostasia generalizada. A tão badalada crise económica não é mais do que uma crise de valores, isto é, uma ausência de Cristo no coração dos homens. Para este estado de coisas nos vem alertando desde há muito o Santo Padre, Bento XVI. As consequências da rejeição de Cristo sentem-se por todo o lado, seja na cultura, na política, na economia, no fundo em todos os aspectos da vida, escravizando-a. O estado de confusão generalizado atinge mesmo (e com maior perigo) a maior instituição de todas, a família, verdadeiro sustentáculo da sociedade. Pensamos assim, que a nova evangelização poderá centrar-se sobretudo em convidar/desafiar os cristãos a serem cristãos (a exemplo da expressão “família torna-te no que és” de João Paulo II).

Em situações de crise como a actual, cumpre à Igreja tomar ainda mais a iniciativa de orientar o seu povo. Ela tem que fazer um esforço redobrado de se afirmar e assumir como a *Luz* para os homens no meio da confusão generalizada, lembremos mais uma vez Bento XVI: “Na verdade, os tempos que vivemos exigem um novo vigor missionário dos cristãos chamados a formar um laicado maduro, identificado com a Igreja, solidário com a complexa transformação do mundo. Há necessidade de verdadeiras testemunhas de Jesus Cristo, sobretudo nos meios humanos onde o silêncio da fé é mais amplo e profundo: políticos, intelectuais, profissionais da comunicação que professam e promovem uma proposta mono-cultural com menosprezo pela dimensão religiosa e contemplativa da vida.” (Encontro com os Bispos de Portugal, Fátima, 13 de Maio de 2010).



Equipas de Nossa Senhora



ENS | PROVINCIA LISBOA  
Equipas de Nossa Senhora

O apelo dos nossos bispos no sentido de repensarmos a forma como trilhamos os caminhos da pastoral no nosso país tem, desde logo, uma tripla virtude, que importa salientar. Em primeiro lugar, desvaloriza a dinâmica queixosa que envolve muitos de nós, agentes da pastoral, a qual, independentemente do valor diagnóstico de que se reveste, se constitui, muitas vezes, como um escape justificativo da nossa própria inércia e/ou da falta de imaginação no trabalho nas nossas comunidades (“Cada vez me canso mais ao dar catequese às crianças”; “Os pais não suscitam nos miúdos o sentido da responsabilidade”; “As pessoas não se querem comprometer”; “Convocamos reuniões e aparecem meia dúzia de gatos pingados”; “São sempre os mesmos a trabalhar”; “Os jovens estão a fugir”; “O senhor padre não ajuda”; “Há gente a criticar mas que nunca aparece para ajudar”; etc., etc., etc.). Em segundo lugar, coloca a tónica nas nossas próprias fraquezas, levando-nos a interrogar seriamente sobre aquilo que fazemos, aquilo que não fazemos e a forma como fazemos (Qual o nosso contributo para a pastoral? Qual o nosso envolvimento nas nossas comunidades? Actuamos com verdadeiro amor pelos outros ou reproduzimos meras acções racionais? Passamos a vida a queixar-nos ou fazemos a nossa parte com verdadeira caridade e engenho? Actuamos como mero reflexo do peso das estruturas ao nível paroquial, diocesano, nacional, etc., sendo meros “executores generosos”, para usar a expressão do nosso bispo na sua Carta Pastoral sobre a “Nova Evangelização”, ou fazemo-lo porque estamos imbuídos do “amor infinito com que Deus ama todos os homens”? Onde está a energia que nos vem da Boa-Nova? Sentimo-nos capazes e preparados para participar com uma dinâmica renovada, com um “novo vigor” no processo da evangelização?). Por último, a interpelação dos nossos bispos surge-nos como um convite que não é dirigido apenas a alguns, mas a todos, porque todos nós, cristãos, somos agentes da pastoral. Ninguém se pode colocar de fora, como se a dinâmica da evangelização fosse apenas uma missão dos



Equipas de Nossa Senhora



ENS | PROVINCIA LISBOA

Equipas de Nossa Senhora



outros, daqueles que são já o rosto do trabalho nas paróquias, nos centros sociais, nos movimentos, nos grupos. A pastoral de lugares marcados não pode, de forma alguma, ter lugar nesta Igreja que queremos consolidar em pleno século XXI.

Neste contexto de reflexão séria sobre a pastoral, não podemos ser dogmáticos relativamente às metodologias. A “ousadia da criatividade”, de que fala o nosso bispo, não pode ser limitada a determinados aspectos da acção da Igreja, mas tem que interpelar todas as estruturas. Só ela pode, parafraseando D. José Policarpo, “trazer à pastoral programada um novo ritmo e, porventura, ser a luz que levará à sua transformação”.

É ainda com estranheza que constatamos que os dois documentos em apreço não se referem à pastoral familiar, à família (salvo uma referência no texto da CEP, a propósito dos envolvimento dos leigos em causas emergentes), nem ao casal.

Parece-nos pois continuar esta matéria a exigir da nossa parte uma grande intervenção, na senda daquela em que o Pe Caffarel se lançou desde a preparação do Concílio Vaticano II, como consultor, pois ainda há muito caminho a fazer. Lembramos que o Pe Caffarel, em 1960, a pedido da Comissão do Apostolado dos Leigos, produziu para o Concílio Vaticano II, uma reflexão sobre a sua experiência de 20 anos com as equipas de casais. No final desse trabalho, propõe, com vista à operacionalidade, a criação duma subcomissão dentro da Comissão do Apostolado dos Leigos para tratar do casamento cristão, para evitar uma de duas coisas: a) que não houvesse tempo para os outros temas ou b) que “não se passasse ao lado duma das necessidades mais urgentes da cristandade”. Mas ele concluía que o que seria melhor, segundo ele, era a criação duma comissão do



Equipas de Nossa Senhora



ENS | PROVINCIA LISBOA  
Equipas de Nossa Senhora

estado de vida matrimonial, ao lado das duas comissões existentes dos estados de vida religiosa e do clero.

Pensamos que esta grande visão do Pe Caffarel tem de continuar a ser a nossa luta. A situação demonstra que temos muito a insistir. A “nova evangelização”, o “repensar a pastoral da Igreja em Portugal”, não pode passar ao lado da família cristã. Pensamos mesmo que é na família que se joga o futuro da Igreja.

O dia-a-dia dá-nos a sensação de que não há cristãos. Na grande comunicação social, onde não se perde uma oportunidade para denegrir a imagem da Igreja e da sua estrutura e minar e corroer os nossos valores, cristãos uns, apenas naturais outros. Aqui, muito espaçada e raramente se levanta uma voz de timbre cristão. No ensino público, a fazer face aos excessos do laicismo enviesado, onnipresente e militante. A quem entregamos nós a colaboração da instrução dos nossos filhos? Na vida política. No Parlamento, não dá para notar a existência de deputados cristãos, nos diversos partidos, como recomendado pelo Magistério, a nortearem as suas opções pelos critérios do Evangelho. Do Parlamento podemos passar para as outras esferas da acção política. Raríssimas serão as excepções. Nós, os cidadãos eleitores também temos a nossa quota-parte de responsabilidade cívica na situação que vivemos. A lei do aborto, por exemplo, só passou devido à elevada abstenção. De certo que os que se abstiveram não eram maioritariamente não cristãos! E havia a experiência da votação ocorrida uns anos antes! O Magistério convida os cristãos a envolverem-se na acção política dentro dos partidos, para aí levarem o fermento cristão. Aqui há um grande campo à espera de militantes com fé. No sindicalismo, a acção dos cristãos, não se nota. Se se falasse dela seria motivo para estranheza! Nem parece que há a tradição da Doutrina Social da Igreja. Desde a Rerum Novarum (1891) de Leão XIII, sobre a condição de



Equipas de Nossa Senhora



ENS | PROVINCIA LISBOA  
Equipas de Nossa Senhora

vida dos operários de então, “de miséria imerecida” e tudo o que se lhe seguiu até à Caritas in Veritate de Bento XVI. Será que ela é, ao menos, conhecida?

Paradoxalmente, até parecerá que o sindicalismo não é um meio cristão nem para a acção cívica de cristãos. A omissão de uns deixa o campo totalmente aberto para outros.

Como se chegou a este divórcio gritante entre o conteúdo da Doutrina Social da Igreja e a praxis diária dos cristãos? Também os empresários cristãos poderão/deverão ser questionados sobre a qualidade do seu cristianismo, enquanto empresários.

Eis algumas propostas, desejando que se passe à acção no terreno, desde já, e paralelamente aos estudos e análises a fazer. A reflexão e o estudo são importantes mas não deveriam levar-nos a adiar a acção que a sociedade e o evangelho urgentemente reclamam de nós:

1. Pensamos que todo o processo se deve iniciar pelo esclarecimento contínuo das consciências. À Igreja cabe esclarecer de forma clara e sem rodeios, todos os homens de boa vontade de acordo com a sã doutrina católica, de modo a permitir-lhes a opção de uma livre escolha, esclarecida e sem constrangimentos. Lembremos mais uma vez nos últimos anos as tristes e gravíssimas opções legislativas dos governos nacionais a respeito das leis aborto e do casamento entre pessoas do mesmo sexo. O Papa Bento XVI falando recentemente aos Bispos do Maranhão afirmava: “Quando, porém, os direitos fundamentais da pessoa ou a salvação das almas o exigirem, os pastores têm o grave dever de emitir um juízo moral, mesmo em matérias políticas (cf. GS, 76). Ao formular esses juízos, os pastores devem levar em conta o valor absoluto daqueles preceitos morais



Equipas de Nossa Senhora



ENS | PROVINCIA LISBOA

Equipas de Nossa Senhora



negativos que declaram moralmente inaceitável a escolha de uma determinada acção intrinsecamente incompatível com a dignidade da pessoa; tal escolha não pode ser resgatada pela bondade de qualquer fim, intenção, consequência ou circunstância."

A Verdade tem que ser proclamada claramente e a todo o custo, embora está claro que não faltarão detractores, sempre empenhados em denegrir a Igreja.

2. O apelo à oração, destacando-se a oração do Santo Rosário (sempre proclamada por **Maria Santíssima, Mãe** da Igreja e nossa Mãe, aos longos dos séculos e também nas Aparições de Fátima) e o apelo ao empenho radical e sincero dos fiéis leigos, devem constituir outros dois complementos em ordem a ajudar a "repensar a Igreja em Portugal".

Nesta linha de pensamento, parece-nos que existe actualmente a nível paroquial uma grande dispersão no que diz respeito às actividades específicas do pároco. Atrevemo-nos a sugerir que o grande empenho dos párocos não se faz fundamentalmente em ordem ao anúncio da palavra e da Vida Sacramental, preocupando-se com a caminhada das comunidades que pastoreiam, mas antes dividem-se entre outras actividades, nomeadamente as administrativas, em detrimento das primeiras, as fundamentais. Sabemos que este estado de coisas, tem a ver sobretudo com as actuais normas do Direito Canónico relativamente à administração das paróquias, não obstante cremos que deveria ocorrer uma inversão desta realidade, se bem a interpretámos.

3. Em Lisboa as missas de domingo deveriam ser desfasadas, pelo menos em termos de zonas e deveria haver mais missas ao fim do dia, horário



Equipas de Nossa Senhora



ENS | PROVINCIA LISBOA  
Equipas de Nossa Senhora

mais preferido pelos mais novos e com alguns benefícios para o regime de vida urbano.

4. Criar um site actualizado e de fácil acesso (o que existe está dividido por Vigararias e outras estruturas que os fiéis desconhecem), com os horários das missas na grande Lisboa e se possível também com os horários das confissões. Esta informação deveria ser estruturada em termos horários e não dividida por paróquias - ou seja, olhando para o site saberíamos onde haveria missas às 8h, saberíamos onde haveria confissões às 11 h, saberíamos onde haveria confissões com prévia marcação (neste caso deveria ser indicado o telefone).
5. Valorizar as responsabilidades dos leigos, incluindo as de natureza monetária relativas à sustentação do clero. Dito de outra forma, a Igreja não é um supermercado onde nos vamos servir daquilo que nos faz falta, mas um espaço onde o serviço a Deus e aos pobres e o compromisso nos tornam felizes.
6. Deveria existir e ser divulgado um site de fácil acesso com as iniciativas da igreja. Não apenas do Patriarcado, mas também das paróquias e dos movimentos. Em particular, também nos parece que devia existir uma espécie de banco de serviço, ou seja, divulgação de instituições e locais que precisam de ajuda e do tipo de ajuda que é precisa.
7. Aquilo que talvez melhor caracterize os “tempos de hoje”, de crescente secularização da sociedade, é a diversidade de possibilidades de ocupação do tempo ou, dito de outro modo, a



Equipas de Nossa Senhora



cada vez maior escassez de tempo face aos múltiplos desafios que nos são colocados e abrangência da oferta que nos é proposta. Não é só o tempo que nos “roubam” as ocupações profissionais – há também uma crescente ocupação do tempo com a necessidade de apoiar os filhos nos estudos, tratar da lida da casa, teatros, cinemas, livros, revistas, televisão, passatempos por via electrónica ou escrita, internet em geral e redes sociais em particular, necessidade de exercício físico, férias, estar com amigos e com a família – próxima e alargada –, entre outras actividades. Esta torrente de distrações contribui fortemente para a separação entre a vida material e a vida espiritual, mesmo para os católicos praticantes. É muito comum assistir-se a pessoas ou famílias inteiras que vão à missa dominical, onde sentem uma forte (re-) ligação a Cristo e à Igreja, mas que, à saída, têm já uma agenda tão sobrecarregada que a mensagem acabada de ouvir não permanece; não os muda; não os converte. Neste quadro, propõe-se testar uma prática comum dos Movimentos das Equipas de Nossa Senhora e das Equipas de Jovens de Nossa Senhora que é, respectivamente, estabelecer uma Regra de Vida e um Ponto de Esforço. Em termos resumidos, e admitindo que a prática mais comum dos católicos será a missa dominical, os sacerdotes, no fim da missa, teriam sempre uma proposta de Ponto de Esforço para a semana seguinte (p.ex. uma oração concreta para rezar diariamente durante essa semana, uma intenção, um santo ou outro qualquer motivo específico), de modo a incentivar as pessoas a manterem e alimentarem a sua vida espiritual. Esta proposta poderia ser divulgada na internet, na imprensa ou no jornal da Paróquia, poderia traduzir uma proposta da Diocese comum a todas as Paróquias ou mesmo uma associação a toda a Igreja.



Equipas de Nossa Senhora



8. Propõe-se que haja um esforço de inquérito e análise, ao nível da Conferência Episcopal, abarcando todas as Dioceses, que permitisse efectuar um levantamento de “Boas Práticas” exercidas em Paróquias de sucesso (definidas como Paróquias onde se note uma particular dinâmica de crescimento, de surgimento de vocações ou outros critérios a definir), de modo que, através da divulgação dessas Boas Práticas e respectivo exercício, se contribuísse para uma melhor Pastoral. Apenas alguns exemplos: o sacerdote vir à porta da Igreja despedir-se dos paroquianos no final da missa dominical (ou recebê-los à entrada antes do início da missa); a divulgação das actividades da Paróquia através de um jornal mensal ou carta ou pagela distribuída nas missas no início de cada mês; uma proposta de livro do mês.
9. Terá cabimento a criação de um novo nível de exigência no percurso educativo da Evangelização? O primeiro passo é a Primeira Comunhão (normalmente entre os 8 e 12 anos), a seguir vem o Crisma (normalmente entre os 14 e 18 anos). Pelo meio há já outros “patamares”, tais como a Profissão de Fé. Talvez faça sentido, no entanto, para jovens um pouco mais crescidos (p.ex. a partir dos 16 anos), um novo patamar de exigência, designado, por exemplo, Formação de Missionários ou de Evangelizadores, cujo conteúdo seria um misto de Curso Intensivo de Fé, de Pastoral e de Voluntariado. O objectivo principal deste novo nível seria ter católicos mais bem formados (notam-se, hoje em dia, lacunas graves em termos catequéticos), melhor conhecedores dos serviços da Igreja e mais empenhados no apoio à sua Santa Missão.



Equipas de Nossa Senhora



ENS | PROVINCIA LISBOA

Equipas de Nossa Senhora



10. Ajudar jovens casais que, estando aptos para contrair o sacramento do matrimónio, não o façam por questões materiais, o que pode passar por criar locais onde possam viver, temporariamente, com custos reduzidos e partilhados com outros casais em situação idêntica, dentro de um espírito alegre, descontraído e, essencialmente, cristão.

11. Não adianta esconder. Um dos aspectos que precisa de um novo fôlego é a própria vivência da liturgia, e nomeadamente, a Eucaristia. Muitas vezes olhamos para isto como uma inevitabilidade. Mas todos temos consciência de que muitas das missas das nossas paróquias são tão tristes, tão tristes, que nem parece que estamos a comemorar a Ressurreição de Jesus Cristo. Se a Boa-Nova da Ressurreição nos deve fazer transbordar de alegria, como é possível que as nossas celebrações sejam tão sorumbáticas?

É certo que existem muitos exemplos de celebrações vividas com grande intensidade e alegria. E ainda bem! Mas não nos deixemos iludir: não são a maioria. Quem lida todos os dias com jovens sabe perfeitamente que boa parte deles se refere à missa “como uma seca”. Podemos fingir que ignoramos a expressão e o que ela significa, mas se queremos uma Igreja viva e dinâmica em pleno século XXI não podemos afugentar os jovens e depois criticá-los, a eles, aos pais e à sociedade em geral, pelo secularismo e pela falta de fé reinantes. É que uma festa só é festa enquanto tiver um ar de festa. Pode-se evangelizar com mel, mas não é possível fazê-lo com fel...

Acreditamos – e existem muitos exemplos disso –, que é possível viver com alegria e em espírito fraterno as nossas Eucaristias sem desvirtuar a liturgia e retirar-lhe dignidade. É preciso que os jovens sejam motivados



Equipas de Nossa Senhora



a participar, que sejam chamados a ter nelas um papel activo e atractivo, e que os adultos sintam que recebem nelas o alimento que os conforta e que lhes dá alento para o quotidiano. É certo que grande parte dos nossos sacerdotes tem já uma idade avançada, estando, por isso, menos receptivos a mudanças de fundo que pareçam pôr em causa o trabalho que realizaram ao longo da uma vida profundamente dedicada. Mas não deixa de ser verdade, também, que muitos dos nossos sacerdotes mais jovens saem dos seminários demasiadamente formatados para impor nas suas novas paróquias uma liturgia muito rígida, inflexível, de cariz tristonho, que acaba, com o tempo, por afastar os crentes. Essa é uma experiência que, certamente, todos temos, e que não podemos ignorar numa hora de reflexão séria e serena sobre a nossa realidade pastoral.

12.A catequese, os grupos paroquiais, os centros sociais e obras das paróquias vivem, muitas vezes, do esforço e da generosidade de muita gente que tem falta de formação ou até de vocação para o desempenho das tarefas em que participa. Não nos iludamos: não é possível nem desejável dispensar esses cristãos desses encargos tão importantes para as suas comunidades. Mas pode tentar-se inovar por via da formação e da troca de experiências, promovendo-se um espírito de humildade, assente numa vivência mais plena do Evangelho.

13.Um reforço da formação humana e cristã ao nível paroquial, bem como a realização de actividades cirurgicamente preparadas em que todos sejam convidados a participar com os seus carismas. Mas é importante também apostar-se na pedagogia da oração, que pode ser a chave para a resolução de muitos dos problemas da Igreja. Para tal será necessário encontrar novas formas de rezar ou apurar as já



Equipas de Nossa Senhora



ENS | PROVÍNCIA LISBOA

Equipas de Nossa Senhora



existentes, para que os cristãos sintam na novidade da oração a força que permite transformar os corações. É que, como diz Madeleine Delbrêl, citada por D. José Policarpo, “sem rezar não podemos amar”...

14. É preciso que a Igreja se empenhe numa verdadeira pedagogia do lazer, que ajude os cristãos a repensar a forma como ocupam o seu tempo e que valorize as relações interpessoais e a noção de pertença a uma comunidade. É que, acreditamos, mais dia, menos dia, a solidão provocada pelo exagero da *vivência tecnológica* vai cansar, e a Igreja deverá estar preparada para ajudar o mundo a saltar para fora da mina escura em que se meteu...

15. Convidar aqueles que se consideram cristãos, a exteriorizarem o seu íntimo, a expressarem a sua fé pelo seu agir a nível profissional e empresarial. Convidando-os também a criarem estruturas mínimas de apoio mútuo para o exercício do apostolado, no dia-a-dia no seu espaço de trabalho.

16. Que se criem condições para o apoio da acção dos militantes cristãos na política e no sindicalismo, no ensino e na comunicação social, etc.

Dezembro de 2010

A equipa da Província Lisboa das ENS